

## Recepção greco-romana em Curitiba: Literatura, Patrimônio e novas abordagens do centro histórico

### Greco-Roman reception in Curitiba: Literature, Heritage and new approaches to the historic center

Enviado em: 15/06/2020

Aceito em: 14/07/2020

Renata Senna Garraffoni <sup>1</sup>

#### Resumo:

Considerando os debates sobre memória, patrimônio material e imaterial, o objetivo central desse artigo é propor uma reflexão sobre recepção dos antigos gregos e romanos na literatura curitibana e seus transbordamentos para a malha urbana da cidade. Trazer à tona os elementos greco-romanos entrelaçados na cultura local e nos espaços urbanos é o ponto chave da argumentação, pois além de não ter sido realizado de forma mais aprofundada, a relação entre poesia, arquitetura e recepção dos Clássicos permite a construção de uma cartografia poética do centro histórico de Curitiba e, conseqüentemente, novas propostas para o ensino de História Antiga e Educação Patrimonial a partir de roteiros que tencionam a relação entre passado e presente e expressam a diversidade étnico-cultural.

**Palavras-chave:** Simbolismo; recepção dos Clássicos; Patrimônio.

#### Abstract:

Regarding the debates on social memory and heritage (tangible and intangible), the aim of this paper is to discuss ancient Greeks and Romans reception in Curitiba's literature and its relationship with the historical city center. Bringing up the Greco-Roman elements in local culture and urban spaces is the key point of my argument not only because this issue was not studied yet, but also because the relationship between poetry, architecture and the reception of the Classics allows the construction of a poetic

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas e professora de História Antiga no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná desde 2004. E-mail: resenna93@gmail.com

cartography of the historic center of Curitiba. Thus, it challenges us to develop new perspectives for Ancient History and Heritage regarding the relationship between past, present and cultural diversity.

**Keywords:** Symbolism; Classical Reception Studies; Heritage.

## Introdução

Há algum tempo comecei a me interessar pelos estudos da recepção dos gregos e romanos antigos no contexto brasileiro em geral (Garraffoni e Funari 2012) e, mais recentemente, em Curitiba em particular (Garraffoni 2018; Garraffoni 2019). Desde que restringi o foco à capital paranaense, ficou claro que não poderia realizar esse estudo sem considerar ao menos duas dimensões: a material (arquitetura urbana e os objetos de uso cotidiano que se encontram no Museu Paranaense) e a imaterial (festas do passado e as manifestações literárias e artísticas). Dois tipos de patrimônios distintos, mas que uma análise em conjunto indica os silêncios e as tensões em que se construíram, ao longo de décadas, símbolos identitários que definiram a cultura local. Como são temas novos em minhas pesquisas, o desafio foi encontrar uma metodologia de trabalho que me permitisse transitar entre os diferentes tipos de registros e propor uma maneira de analisar o fenômeno e sua potencialidade para discutir Educação Patrimonial e Ensino de História Antiga. Embora esteja no início desse processo, o presente artigo me pareceu uma ocasião interessante para propor um balanço das discussões teórico-metodológicas deste projeto a que me dedico atualmente, bem como uma análise preliminar de alguns de seus desdobramentos<sup>2</sup>.

Início ressaltando que, conforme já descrito em outra ocasião (Garraffoni 2018, p. 15-21), o tema surgiu de maneira inesperada e, por ter sido um encontro fortuito, demorou um pouco para se consolidar como objeto de pesquisa. O meu primeiro contato com a presença grega antiga em Curitiba foi por meio da arquitetura neoclássica, talvez o exemplo mais

---

<sup>2</sup> Em agosto de 2019 iniciei um novo projeto intitulado *Estudos Clássicos, Interdisciplinaridade e Recepção: uma abordagem necessária* que atualmente conta com a participação de cinco pesquisas de iniciação científica (04 voluntárias e uma bolsa CNPq/PIBIC) e mestrado com bolsa Capes, todas envolvidas com a temática da recepção dos gregos ou romanos em Curitiba. Além disso, no segundo semestre de 2019 ministrei um tópico no curso de Turismo da UFPR sobre cultura, patrimônio e turismo, ocasião em que pude entrar em contato com discussões sobre turismo literário, base da reflexão que desenvolvo neste texto. Sou, portanto, muito grata aos estudantes da disciplina que, por meio de suas inquietações, me fizeram avançar em direção aos debates acerca de espaço urbano, cultura, turismo e patrimônio.

conhecido seja o chamado *Prédio Histórico da Federal*, edifício situado na praça Santos Andrade, centro de Curitiba, que abriga os cursos de Direito e Psicologia da Universidade Federal do Paraná, símbolo oficial da cidade de Curitiba e, também, logo da Universidade. Embora chamasse a atenção, estava diluído na paisagem da cidade, portanto, em um primeiro momento não se configurou, para mim, em um objeto de estudo. O deslocamento dessa percepção se deu em 2012, quando era tutora do PET-História<sup>3</sup> e iniciamos uma pesquisa sobre a revista *Joaquim*, editada pelo então jovem escritor Dalton Trevisan, no final da década de 1940. Para compreender melhor o contexto em que nasceu a revista, li a tese de Sanches Neto (1998) e descobri que em 1911, na Festa da Primavera, Emiliano Pernetta, poeta simbolista, foi coroado Príncipe dos Poetas por musas gregas no Passeio Público da cidade.

Essa referência me impactou e foi decisiva para que iniciasse uma busca por informações sobre o evento, pois na tese é uma menção *en passant*. Pela primeira vez o *Prédio Histórico da Federal* passou a ter um contexto, não seria algo aleatório na malha urbana, mas parte de determinada percepção de cidade e sociabilidade. Geograficamente o Passeio Público e edifício são próximos, embora temporalmente construídos em momentos diferentes, mas essa conexão começou a nortear meu envolvimento com o tema. Ao aprofundar as pesquisas na Casa da Memória e no Museu Paranaense, me deparei com uma quantidade muito grande de documentos: fotografias, revistas literárias, medalhas do Instituto Neo-Pitagórico e uma infinidade de notícias de jornais que anunciavam festas, encontros poéticos, rivalidades políticas. Assim, o universo temporal se expandiu: da Festa da Primavera de 1911 recuei até as últimas décadas do século XIX, os embates anticlericais e abolicionistas em que os poetas simbolistas se envolveram, mas também avancei até a década de 1960/1970 no universo contracultural de Paulo Leminski, afinal o poeta foi tradutor do *Satyricon* de Petrónio, entre outras obras romanas, admirador de Dario Vellozo, o mais helênico dos simbolistas, e Cruz e Sousa, que biografou.

Além da expansão temporal da pesquisa, a experiência de caminhar entre os arquivos foi bastante importante nesse processo. O Museu Paranaense se localiza, atualmente, na rua Kellers, próximo ao Largo da Ordem, centro histórico de Curitiba. Dali até a Casa da Memória, são apenas alguns minutos de caminhada e a Casa fica próxima da chamada *Boca Maldita*,

---

<sup>3</sup> Fui tutora do PET-História de setembro de 2010 a agosto de 2016 com bolsa do MEC/FNDE durante todo o período.

local sem uma área definida, mas ao redor dos cafés, bancas de revista e bancos no calçadão da cidade. Isso significa que do Museu até o Passeio, à pé, não passa de uma caminhada de cerca de trinta minutos por essa região e atravessa camadas históricas da cidade, afinal, há grafites com poemas de Leminski, bustos dos poetas simbolistas, lugares de lutas políticas contra a ditadura militar e da boemia ao longo do século XX.

Essa percepção espacial e seu entrelaçamento literário e político começou a aparecer como um ponto interessante a ser explorado e, a partir de minha experiência de trabalho com arqueologia e grafites parietais em latim na cidade romana Pompeia, foi possível definir um recorte pelo meio urbano, os espaços de escrita e poesia desenvolvida em Curitiba. Nesse sentido, minha inspiração veio da arqueologia romana e dos estudos prévios sobre arqueologia histórica, principalmente urbana. Não que o trabalho atual que faço tenha envolvido escavações arqueológicas *stricto sensu*, mas considerações de O'Keeffe e Yamin (2006), por exemplo, voltaram ao centro de minhas preocupações nessas caminhadas pelo centro histórico entre os arquivos mencionados. Os autores argumentam que o espaço urbano é complexo, muitas cidades têm diferentes camadas históricas, são espaços que carregam em si, simultaneamente o local e o global, arquitetura vernacular ou misturas de outras tradições, inovações e opressões. As cidades promovem encontros entre passado e presente e um estudo interdisciplinar pode trazer à tona suas inúmeras facetas: relações econômicas, de poder, espaços imaginados, suas ruínas. Espaços urbanos podem ser celebrados ou silenciados, visíveis ou invisíveis e cabe ao estudioso tensionar essas questões.

Isso significa, portanto, que espaços urbanos estão permeados de memória e a região de Curitiba mencionada, remonta sua fundação no século XVII até os dias de hoje. Seus múltiplos significados históricos expressam valores sociais fluídos na construção de sua memória e identidade, uma dinâmica que pode ser analisada a partir da relação entre a arquitetura, os espaços e a literatura. Afinal, como já apontou Jones (2017, p. 36-37), espaços urbanos são lugares de negociação e produção de significados, memórias, identidades e valores e, nesse sentido, patrimônio tangível e intangível possuem tensionamentos importantes que precisam ser analisados com cuidado. Assim, inspirada por esse debate sobre memória, patrimônio material e imaterial, gostaria de propor uma reflexão sobre recepção dos antigos gregos na literatura curitibana e as experiências cotidianas no espaço urbano para discutir como a pluralidade de passados permite novos olhares sobre a cidade. Para tanto, inicio o

artigo com uma reflexão sobre memória e esquecimento nos jogos de produção de identidade culturais explorando a relação entre política e Literatura em Curitiba para, em seguida, inserir o cerne dessa questão: a presença greco-romana na Literatura e no centro histórico. Trazer à tona os elementos greco-romanos é uma escolha que define a linha de argumentação, pois além de não ter sido estudado, é a partir da relação entre poesia, edifícios e recepção dos Clássicos que pretendo explorar novas leituras sobre o patrimônio do centro histórico da cidade e o potencial dessa cartografia poética para novas propostas de ensino de História Antiga e Educação Patrimonial.

### **Simbolismo em Curitiba: entre a lembrança e o esquecimento**

Jelin (2002) afirma que, a partir da segunda metade do século XX, discutir teoria para pensar as formas de constituição da memória coletiva tornou-se fundamental para os desdobramentos políticos em defesa da democracia. A partir dos embates dos grupos de defesa de Direitos Humanos, que buscam ativamente a discussão de silêncios de passados violentos visando políticas públicas de reparação, argumenta que os sentidos do passado passaram a ter um papel central na construção das narrativas coletivas. Essa constatação nos interessa aqui por que indica que a memória coletiva pode ser entendida como um processo subjetivo com experiências simbólicas e materiais em constante disputa e, por isso, é fundamental historicizar as diferentes memórias que compõem a sociedade. Sua proposta é de diálogo, de trabalho com as memórias com compromissos políticos e cívicos. Nesta perspectiva não haveria, portanto, uma única memória, mas lutas políticas e eventuais consensos coletivos temporários.

Embora Jelin (2002, p. 12-13) se refira aos tensionamentos na memória coletiva provocados por passados de trauma e violência, suas reflexões nos interessam aqui porque expressam como o mundo ocidental moderno/contemporâneo constrói uma cultura da memória que coexiste com o efêmero, gerando as referências de uma vida em comunidade. Nesse sentido, o passado é elemento fundamental para o presente, o próprio presente contém e constitui a experiência passada, modelando experiências humanas. Essa posição de Jelin, em certa medida, expressa aquilo que já destacou Lowenthal (1985), em seu livro *The past is a foreign country*, que o passado é onipresente na modernidade e pode ser usado de várias formas. Cada um a seu modo indica que o/s passado/s tem um espaço vivo nas culturas, a

experiência humana, em sua complexidade, contempla vivências e formas diversas de transmissão, o que significa, que ao nos depararmos com o passado encontramos uma multiplicidade de tempos, de sentidos e afetos. Jelin (2002, p. 18) também argumenta que há duas formas de se trabalhar a memória: como ferramenta teórico-metodológica ou categoria social (usos e abusos, crenças de sentido comum). É esse segundo aspecto que gostaria de focar nessa reflexão. Isso porque argumenta que esquecimentos podem ser históricos ou políticos, indicando os tipos de relação do sujeito com a alteridade. Nesse campo, Jelin (2002, p. 36) destaca a linguagem como importante nesse processo, pois ela expressa as lutas pelas representações do passado.

Quais passados são coletivamente lembrados? Essa pergunta, base da discussão de Jelin, é importante para o estudo do objeto em questão, a presença greco-romana em Curitiba, pois foi presença intensa na vida cotidiana da virada do século XIX para o XX, mas pouco conhecida ou lembrada pelos moradores da cidade hoje. A experiência de ver o edifício da Universidade, por exemplo, passar por ele, mas desconhecer seu contexto, não seria, portanto, fruto de minha situação pessoal de ter vindo de outro estado, mas algo compartilhado por muitos que cresceram na cidade. Isso me levou a perceber que, embora a sua presença material na cidade seja perceptível, pouco se comenta sobre essa presença greco-romana na construção cultural curitibana. Esse silêncio ou essa ausência de estudos sobre o tema que me chamou a atenção diante da quantidade de documentos escritos, fotográfico e material que encontrei nas pesquisas. Em um primeiro momento me pareceu paradoxal: algo tão intensamente vivido por algumas décadas, depois desconhecido da maioria da população. Lógico que há muito estudo sobre o Paraná, o Paranismo e o movimento Paranista, estética artística que fomentou a identidade paranaense, mas o lugar dos antigos gregos e romanos nesse processo foi praticamente apagado dos estudos.

Entender esse apagamento passou a ser um dos pontos chave do trabalho que venho desenvolvendo. Fotos, registros de jornais, revistas literárias, templos, formam um *corpus* documental diverso e volumoso que nos dá uma ideia dessa pujante presença helênica na cidade, por isso, conforme avancei mais nos estudos sobre o final do século XIX, percebi que para entender o gritante silêncio da presença greco-romana teria que conhecer melhor a relação entre política e literatura e o lugar da literatura simbolista nesse processo. Ao que tudo indica, antes do silêncio se instaurar houve um processo de crítica ao movimento simbolista.

No final da década de 1940, a revista *Joaquim* que citei, por exemplo, não poupou críticas a esses poetas e seu modo de viver considerado um tanto quanto exótico e que trazia para o sul do país, entre tantas coisas, as experiências da filosofia e história da Grécia antiga. Poucos anos depois, Andrade Muricy (1980, 1ª edição 1952) já se refere explicitamente ao silêncio sobre o Simbolismo. Em sua obra de antologia poética simbolista, por exemplo, afirma que em 1893, em meio a predominância do naturalismo e crítica positivista, o Simbolismo de Cruz de Souza surge como uma alternativa, como uma busca pela transcendência, por meio da linguagem. Por ser uma arte que realiza o irreal, Muricy acredita que isso favorece o estabelecimento de um problema da crítica, que com o Modernismo se acirra. Muricy argumenta que o Simbolismo brasileiro é considerado exótico, diletante, estrangeiro e, portanto, foi pouco valorizado. São poucos que reconhecem que Cruz e Souza, poeta negro do sul do país, foi capaz de sustentar sua revolta a partir de Mallarmé, indicando sua capacidade de expressar o sofrimento gerado pela escravidão de forma poética e intensa.

Mais recentemente Willer (2010, p. 422) ao comentar sobre Dario Vellozo, o mais helenista dos simbolistas, afirma que Alfredo Bosi, em seu livro sobre literatura brasileira, dedica pouca atenção a ele e, ao fazê-lo, o descreveu como mestre em ocultismo, fundador do Instituto Neo-Pitagórico - construiu um templo grego, conhecido como Templo das Musas para abrigar o INP - e inspirado pelos sopros do irracionalismo. Para contrapor essa afirmação, Willer apresenta uma série de documentos nos quais nos deparamos com um Dario Vellozo livre-pensador que defendia a vida indígena, que tinha sido anticlerical, quando jovem, ligado ao movimento abolicionista, dialogava com socialistas e anarquistas, entre tantas outras ações que misturam suas facetas múltiplas de estudioso dos mistérios gregos, poeta e escritor defensor do Estado Laico.

Essa tensão entre documentos que indicam ação política dos poetas e sua posterior descrição como irracionais me surpreendeu, em especial, por parte dos motivos estarem alicerçados na forma com trabalharam a cultura clássica em seus escritos. Nesse sentido, a tese de Maria Tarcisa Bega (2013) é uma referência importante. Bega discute os entrelaçamentos políticos e literários em Curitiba no período da Primeira República, analisando a relação entre os simbolistas, os movimentos anticlericais e a formação da identidade paranaense. Embora seu foco esteja mais nos embates políticos, portanto, seu olhar para a literatura simbolista tem um recorte específico, é, talvez, a única estudiosa que não deixa de

notar a presença helênica ou latina no meio dos embates. Em sua leitura, Bega (2013, p. 207) afirma que os poetas recorriam ao contexto greco-romano para firmar uma identidade luso-brasileira, em contraposição a germana, que iria se tornar majoritária ao longo do século XX. O Simbolismo em seu tempo, nesse sentido, traçou alguns contornos do que viria a ser a identidade do Paraná. Ou seja, Bega (2013, p. 479-487) argumenta que a poesia e os elementos greco-romanos se mesclaram criando sociabilidade em festas, como da Primavera, ou mesmo os encontros no Club Curitibano, possibilitando novos espaços identitários. Emiliano Pernetta e Dario Vellozo ajudaram a dar uma forma ao movimento entre o Paraná daquele momento e a civilização antiga, conciliando tendências diversas e um simbolismo anticlerical, criando uma identidade própria.

Nesse sentido, arrisco a pensar que os silêncios posteriores estão relacionados aos desdobramentos das tensões identitárias locais. As tensões artísticas locais em que alguns grupos, apoiados no Modernismo, preferem não se referir a esses poetas ou, ao fazê-lo, sempre usar um tom crítico que os prende em um lugar estranho de nefelibatas, ajudaram a colocar essa faceta da história de Curitiba em esquecimento. Independente dos motivos das críticas, se estético ou político, é interessante perceber que a presença greco-romana, vivida de forma tão intensa por alguns desses poetas, a ponto de se materializar em edifícios pela cidade como o Templo das Musas (alvenaria) ou o templo de madeira construído na ocasião da coroação de Emiliano Pernetta no Passeio Público, é parte importante do problema. O fato de não termos presença histórica greco-romana em nosso território fez com que tudo que se relacionasse a cultura clássica, experimentada de forma tão radical por esses poetas que viveram em Curitiba na virada do século XIX, soasse como estrangeirismo. Estamos, então, diante de disputas identitárias e artísticas, em que o lembrar e esquecer, constitui a memória coletiva que expressa a visão que as pessoas têm de Curitiba hoje, uma cidade moderna, ordenada e majoritariamente de origem germânica.

De certa medida, nem sempre todos os artistas locais aceitaram pacificamente essa silêncio. O caso de Paulo Leminski é exemplar: de família de origem polonesa, mergulhado na cena contracultural brasileira e no tropicalismo, buscou nesses mesmos homens de outros tempos parte de sua inspiração para criar. E traduziu *Satyricon* de Petrônio, além de tantos outros poetas romanos. Escreveu poemas em latim, mesclando prece religiosa com crítica à ditadura militar. Frequentou o Templo das Musas, biografou Cruz e Souza. Circulou nos



espaços urbanos simbolistas e, como aponta Hara (2017), bebeu dos saberes noturnos desses poetas. Essa atitude de Leminski abre um espaço de tensão entre memória e esquecimento e, de certa forma, seguindo suas provocações percebi que, ao me aproximar de passado curitibano a partir de uma reflexão sobre recepção dos clássicos, seria possível discutir as formas de relação entre espaço urbano e a cultura literária da cidade, temas que passo a explorar a seguir.

### **Do Simbolismo ao dionisíaco contracultural: as faces da recepção dos clássicos em Curitiba.**

Se a presença greco-romana é intensa nas artes e literatura curitibana e pouco se estudou sobre, talvez uma forma frutífera de se aproximar do tema seja por meio da perspectiva de recepção dos clássicos e, também, dos desdobramentos dos estudos sobre a linguagem. Isso por que o campo dos estudos de recepção, na área que podemos chamar de Estudos Clássicos, transformou a forma como o passado antigo é entendido no presente. Por um lado, essa perspectiva permite um maior diálogo e a superação dos entraves disciplinares produzindo novas leituras sobre o passado greco-romano. De outro, a partir de uma análise renovada como propôs Hardwick (2003), questiona aspectos da história greco-romana negligenciados em abordagens anteriores, refletindo de maneira mais intensa acerca da relação entre passado antigo e a cultura na modernidade. Nesse sentido, é possível problematizar a relação entre linguagem e tradição clássica, ou seja, problematizar as formas de expressar o passado antigo em outras temporalidades.

Isso posto, ressalto que não é intenção aqui entender os clássicos como modelo a ser copiado, emulado ou seguido, mas ao contrário, baseado no já proposto por Hardwick (2003, p. 4) defendo que a sociedade receptora da cultura greco-romana não é passiva, mas articula os valores do presente e passado e cria suas implicações políticas e culturais, dependendo de cada caso. A particularidade do objeto de estudo em questão é que os embates literários e políticos em Curitiba, embasados em preceitos greco-romanos, impactaram na malha urbana da cidade, o que torna importante cruzar diferentes tipos de documentos, para um entendimento mais amplo da questão. Assim, entendo que a problemática em si é um

entrecruzamento de fontes e temporalidades, mas não pode estar desarticulada das formas de se pensar a linguagem, sua multiplicidade e os manejos de tradições entre as culturas. Nesse sentido, Paul Zumthor (2005) é, também, uma fonte de inspiração, por isso gostaria de destacar alguns aspectos de seu pensamento.

Em uma entrevista para André Beaudet em 1986, Paul Zumthor, discorre sobre a necessidade de ruptura com modelos interpretativos estáticos de narrativas sobre o passado, pois é preciso criar meios para uma reflexão sobre os limites e as possibilidades de expansão da linguagem em suas diferentes materialidades. Como medievalista, Zumthor transitou das canções de Aberlado para o estudo das manifestações de vocalidade e performance nos movimentos artísticos das décadas de 1960 e 1970, por isso comenta sobre temas complexos como teoria, história e linguagem. Para trilhar esse caminho Zumthor destaca a importância dos estudos da linguagem em diferentes campos, por isso estudou semiótica, pesquisou sobre o estruturalismo, e buscou ‘fazer teoria’, pois como argumenta, muitos, naquela época (década de 1960), percorriam caminhos semelhantes (Zumthor 2005, p. 40). No meio da efervescência cultural dos anos de 1960, Zumthor se inspirou em Aberlado e nas discussões acadêmicas sobre narrativa e, por meio de uma sensibilidade impar, desenvolveu um método que permitiu com que transitasse entre diferentes temporalidades e formas de escrita, chegando à oralidade, objeto de interesse em sua maturidade intelectual. Colega de Roland Barthes, Zumthor passou a defender o caráter poético da linguagem e sua possibilidade de saber dizer com inteligência as coisas e, por essa razão, passou a se dedicar a estudar a relação entre voz e escrita ampliado as formas de perceber a linguagem e as conexões que ela permite.

Embora não mencione Deleuze e Guattari (2000) na entrevista, as reflexões de Zumthor me levaram a retomar *Mil Platôs*, pois nessa obra os autores também discorrem sobre as formas de relação com a escrita e argumentam que os princípios que caracterizam a multiplicidade da existência são as singularidades e suas inúmeras relações, os devires. Perceber essas singularidades, móveis e efêmeras, implica em rever como nos relacionamos com a escrita de um texto. Para Deleuze e Guattari, o texto ideal não é aquele que traz a unidade, mas aquele que multiplica, que consegue expor em um plano a exterioridade, ou seja, apresentar, sobre a página, ‘(...) acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos pensados, indivíduos, grupos e formações sociais’ (Deleuze e Guattari 2000, p. 18).

A partir dessas considerações de Zumthor e Deleuze e Guatarri sobre linguagem, fluidez e capacidade humana de criação poética e ressignificação, é possível compreender as múltiplas singularidades dos discursos antigos e sua recepção, criando uma análise descentrada e não hierárquica para explorar as relações entre cultura greco-romana, escrita e texto como transbordamentos que permitem a fruição e liberdade de criação artística e arquitetônica. Em última instância, essa perspectiva permite uma aproximação dos poetas que viveram em Curitiba e seu meio urbano pelos seus movimentos, pelas formas como entram e saem de um texto, como costuraram a escrita e cotidiano. Afinal, pelo fato da recepção ser fluida, diversificada e múltipla (Hardwick 2003), sua transmissão não necessariamente é linear. As diferentes formas de viver, sentir ou criticar são condições vitais para suas reapropriações.

Nesse sentido, compreender a recepção greco-romana em Curitiba implica em entender sua chegada à cidade, ou seja, no ambiente do final do século XIX, pelas mãos do grupo de poetas simbolistas, leitores de Baudelaire e Mallarmé. Portanto, seu começo já se dá aos moldes analisados por José Murilo de Carvalho (2014) no caso do Rio de Janeiro: marcado pela presença francesa. No entanto, é preciso ressaltar as particularidades do contexto: Curitiba era uma cidade pequena ainda, em um estado recém emancipado, passando por ampliação de suas ruas, criação de gráficas e jornais, de Museu, de teatro, de cafés e clubes, tendo seu primeiro parque, o Passeio Público construído, ou seja, estava passando por transformações urbanas, mas com raízes rurais e com a natureza ainda fortes, bastante diferente, portanto, tanto do Rio de Janeiro como de Paris (Beltramini, 2009; Pereira, 1998; Garraffoni, 2019). Então, perceber esse contexto é fundamental para entender não só o início do processo de recepção como também seus significados e constantes idas e vindas pelo tempo, atravessando a malha urbana, os embates políticos, constituição de subjetividades e identidades. De certa forma, todos os poetas simbolistas, seus críticos e os que de alguma forma reiteraram seus trabalhos, em algum momento, cantaram Curitiba, seja para descrever seu povo, seu céu azul ou araucárias, seja para exaltar seus bares e vida boêmia. Essa relação estreita entre poesia e cidade está no cerne dos embates, da construção da memória e dos esquecimentos.

Para que essa relação fique mais explícita, tomemos o exemplo de Paulo Leminski. Scramim (2010), ao analisar o trabalho de Leminski, afirma que é possível evidenciar traços de Dario Vellozo e Cruz e Souza em suas obras. Seu principal argumento reside no fato de que, embora o Simbolismo seja negligenciado pela crítica brasileira e mesmo criticado por grupos curitibanos simpatizantes de Dalton Trevisan, possui um elemento central que é a noção linguagem como construção e, portanto, arrasta a poesia para o cotidiano. Por construir um lugar de fluidez e passagem, tem em si um aspecto de heteronomia que é retomado por Leminski. Ou seja, em seus argumentos, de alguma forma Leminski reintroduz o Simbolismo no cotidiano curitibano da década de 1960/1970 e na literatura nacional, entendendo a arte de Vellozo, por exemplo, como potência criadora.

Hara (2017) apresenta uma argumentação semelhante, mas vai além, explorando como Leminski transita do Simbolismo para o Tropicalismo, movimento em que seu conhecimento da literatura greco-latina foi decisivo. Ao estudar a obra de Leminski, Hara enfatiza a biografia que esse escreveu sobre Cruz e Souza e seus escritos sobre os simbolistas curitibanos, além de destacar como Dom Clemente, coordenador do Colégio São Bento, foi uma influência importante nos primeiros anos de vida do poeta curitibano. Hara afirma que embora tenha sido de cerca de um ano a convivência de ambos, o impacto desse período da infância de Leminski foi importante, pois foi por meio de Dom Clemente que teria travado contato com Homero, Virgílio, Horácio, Ovídeo e Dante, ou seja, os clássicos e sua recepção no Renascimento (Hara 2017, p. 170). Mesmo fora do colégio, prossegue Hara, Leminski estudou latim, grego e hebraico para entender as obras antigas no original. Seu interesse pela tradução e o conhecimento de várias línguas teria levado o jovem a estudar a linguagem e sua materialidade (Hara 2017: 173), gosto que acabou por ser decisivo em sua aproximação da poesia concretista de sua época. Afinal, com a explosão tropicalista, por meio do concretismo cultivou a exploração da linguagem em seus múltiplos aspectos, dominando diferentes formas de escrita poética.

Essa linha de raciocínio de Hara permite pensar as múltiplas articulações da linguagem e seus entrelaçamentos espaço temporais: por meio dos antigos, mesclando com os simbolistas, Leminski constrói uma expressão em ambiente contracultural. É por isso que Flores (2010) argumenta que a relação de Leminski com o grego e o latim não é para reificar

algum tipo de pedantismo elitista, mas ao contrário, deslocar os antigos para o cotidiano popular brasileiro, daí sua escolha na tradução do *Satyricon*, por exemplo, já que se trata de um livro sobre o cotidiano romano e apresenta muitos personagens marginalizados em sua época. Assim como Hara, Flores também acredita que Leminski transita da cultura erudita para a contra-cultura e, englobando vertentes do Tropicalismo, cria uma poesia viva e arrasta os antigos gregos e romanos de seu aprisionamento nas torres de marfim academicistas. Não que ele negasse a erudição, mas ao contrário, defende uma postura humanista, puxando o latim e o grego para as ruas. Como nesse poema, por exemplo:

de tortura militum  
libera nos domine  
de nocte infinita  
libera nos domine  
de morte nocturna  
libera nos domine  
(apud Flores 2010, p. 108)

Flores (2010) destacou que esse poema, de fácil compreensão mesmo para aqueles que não dominam o latim, é uma prece pela liberdade. Leminski recorre ao latim subvertendo seu lugar religioso para criticar a repressão e buscar a liberdade em seu sentido mais radical. Nesse jogo de linguagens e temporalidades o passado romano é ferramenta para construção de novas identidades, de contestação, de busca pela fruição da vida e outras experiências coletivas possíveis. Essa leitura indica um espaço de polifonia greco-romana entre os poetas da cidade, pois se para alguns é diletante e exótica, para outros é ferramenta de construção de liberdade, expressando as complexas redes de recepção que se forma em Curitiba. Essa polifonia, conforme já destaquei, extravasa o limite dos textos e poemas deixando marcas na malha urbana em um movimento de diálogo entre escrita e materialidade. É por essa razão que defendo que é possível olhar o centro histórico de Curitiba, hoje pouco valorizado pelo viés turístico ou patrimonial, mas que possui potencial para propor novas leituras sobre o passado curitibano a partir de outras perspectivas.

### **Literatura e Patrimônio: outros diálogos possíveis com o centro histórico curitibano**

Até esse momento explorei aspectos poéticos da recepção greco-romana, indicando como o passado se torna vivo no presente por meio da experiência literária entrelaçando com a memória cultural. Como já ressaltou Antunes (2010), por meio da Literatura é possível acessar

diferentes tempos e lugares, gerando confronto de experiências e, também, compreensão de sentimentos. Memória, cultura e literatura, nessa perspectiva, constituem identidades e permitem o contato com diferentes tradições de pensamento e suas formas de recepção. No caso de Leminski, que destaquei, isso tudo é feito de forma consciente: sua construção literária é um ir e vir em diferentes temporalidades, como a romana ou a simbolista; antigo e moderno são fundidos em seu fazer poético. Mas para compor, também experimentou a cidade, seus caminhos e seus bares. É esse ponto que gostaria de desenvolver a partir de agora, pois entendo que explorar a relação da poesia com a cidade desperta novos olhares para o centro histórico e novas possibilidades de pensar gestão de patrimônio e turismo.

Embora pouco estudada no Brasil, a relação entre Literatura, espaço urbano e turismo permite discussões sobre formas distintas de se perceber as viagens, as relações com o passado e sua materialidade. Escritores-viajantes são conhecidos ao largo da história, mas o século XIX integra esses elementos de forma inédita com o desenvolvimento da ideia de turismo. Pascoal (2015) argumenta que essas viagens constituíram o que entendemos por itinerário turístico e, também, uma retórica sobre o espaço que passa a se integrar com as narrativas e as narrativas nutrem novas viagens. Essa relação intrincada desenvolve em um outro artigo no qual analisa formas distintas de se plasmar relações entre viagens românticas, ilustradas e as relações com a paisagem e o pitoresco dos lugares literários (Pascoal 2017). As viagens, então, não tem sempre os mesmos objetivos, mas ao longo do século XIX vão aproximando leitores dos lugares descritos nas narrativas ou nos quais viveram os autores, fundindo as sensações que a leitura desperta com o turismo nascente.

Essa fusão seria parte da comunicação entre autor/a e leitor/a, um meio de construir memória individual e coletiva, permeada por emoções. Se essas pulsões por um lado promovem o turismo, por outro implica na discussão sobre patrimônio histórico. Cidades, como já mencionei, possuem diferentes camadas históricas e, muitas vezes desconhecidas, o que limita a própria percepção de patrimônio. Llano (2019), por exemplo, discute esse fenômeno a partir de Bogotá, na Colômbia. Afirma que parte do desconhecimento das estruturas históricas e urbanas da cidade não permite a uma construção de cidadania que considere todos os seus participantes, gerando situações em que o mundo da linguagem mais separa as pessoas do que as une. É por isso que defende uma maior integração dos escritores de diferentes momentos da história do país com o patrimônio histórico da cidade, revendo o lugar dos

antigos gregos e romanos no processo de independência e cruzando com vidas boêmias do século XX.

O caso de Bogotá chama a atenção, pois, em certa medida, dialoga com o contexto da recepção greco-romano em Curitiba. Ricardo del Molino Garcia (2007), ao estudar o processo de Independência da Colômbia, enfatiza o florescimento de um público leitor dos clássicos greco-romanos e analisa a percepção que as lideranças do movimento tinham dos escritos de Tácito, Platão e Cícero. Essa fruição de textos antigos, comum em bibliotecas, ajuda a criar uma semântica política da independência e, conforme Llano (2019), lhe rendeu o título de Atenas Sul Americana. Essa imagem de Bogotá como uma cidade culta, com presença de filósofos e poetas, abriu a possibilidade mais recente de entendê-la como prenhe de atrativos culturais. Llano destaca não só esse passado do século XIX, mas também o dos anos de 1930 e 1940 com relação a vida de Gabriel García Márquez. Assim, destacando atrativos turísticos literários em diferentes contextos, a cidade pode organizar percursos para pensar as diversas temporalidades urbanas e seus múltiplos passados, relacionando boemia, cafés e produção cultural, destacando a vida de escritores desde seus cotidianos até suas posições políticas. Permite, inclusive tensionar o passado colonial, o processo de independência e sua modernização no século XX.

Um paralelo com Curitiba reside no fato de que, por meio da vida boêmia de Leminski e sua relação com o Simbolismo, é possível percorrer camadas históricas da cidade. Até onde cheguei com essa pesquisa, embora Curitiba tenha uma profusão de poetas e artistas reconhecidos dentro e fora do país, Leminski é o único poeta que conta com um roteiro de visitas bem elaborado no site da prefeitura e, ao observar com cuidado, se nota que é um roteiro bastante convencional, cita a maternidade em que nasceu, as casas em que viveu, os bares que frequentou, local onde praticava judô, o cemitério<sup>4</sup>. Esse tipo de roteiro é o que Fernandes e Carvalho (2017, p. 580) denominam de sítio literário: "(...) lugar ao qual é associado um autor, quer seja pela sua vida ou ficção (obra literária) e que, nesse sentido, mistura passado e presente". Ou seja, foca na vida do autor ou em algum de seus personagens. No entanto, o que gostaria de explorar aqui é a possibilidade de outra forma de roteiro, o que os autores denominam itinerário literário: uma relação "(...) entre diversos locais,

---

<sup>4</sup> <https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/roteiro-a-curitiba-de-leminski/1917>

paisagens ou atrações associadas a um escritor ou poeta (...), que pode envolver diferentes localidades, num sistema em rede" (Fernandes e Carvalho 2017, p. 580).

Essa segunda possibilidade permite, segundo Fernandes e Carvalho, uma relação mais ampla e profunda do visitante do patrimônio literário e material. Como a reflexão tem foco formas de desenvolvimento de turismo sustentável, os autores argumentam que seu diferencial é a preservação da cultura local, pois estabelece conexões. Há quatro elementos que podem ser considerados em conjunto: lugares relacionados à vida dos escritores, lugares cenários, lugares que misturam autor/obra e trazem diversas sensações aos leitores, lugares dramáticos da vida do autor. Esses elementos permitem roteiros temáticos e mais do que se pautar na vida do autor, permitem relacionar sua obra ao entorno urbano, criando cartografias literárias ou espaços socialmente construídos como paisagens turístico-literárias, fundindo real e imaginário e levando as pessoas a desenvolverem novos olhares sobre a cidade. Na publicação, Fernandes e Carvalho discutem a cidade de Leiria em Portugal, rota de escritores de diferentes tempos como Francisco Rodrigues Lobo, Eça de Queiroz, Acácio de Paiva, Afonso Lopes Vieira e Miguel Torga. Nem todos viveram na cidade, mas por ali passaram ou narram suas histórias. A cidade, na leitura de Fernandes e Carvalho, favorece o entrecruzamento de temporalidades, gastronomias e festas nas quais, políticas públicas de gestão patrimonial e turismo sustentável, criaram inovações na política cultural bem como mudanças da percepção das pessoas sobre a literatura como patrimônio cultural.

As abordagens de Llano (2019) e Fernandes e Carvalho (2017) tem em comum a particularidade de propor relação não necessariamente estanque entre as temporalidades: a pessoa pode seguir percursos temáticos sobre um autor ou se conectar a vários. Ambos exploram a relação entre local, nacional e internacional e, no caso de Fernandes e Carvalho há uma ênfase na sustentabilidade, gestão cultural e relação com as políticas públicas de patrimônio material e imaterial da prefeitura da cidade. Em ambos também nota-se que o encontro com o passado está interligado com memórias, que podem ser individuais ou coletivas, e afetos. Mesmo que relacionado a uma forma de turismo desenvolvido no romantismo, a relação escritor/leitor viajante pode ser resignificada abrindo espaço para novas vivências urbanas. Há, portanto, um entrecruzamento possível de variadas retóricas do espaço: algumas reais outras imaginadas, mas ambas experimentadas pelo patrimônio material da cidade, em especial em suas ruas, seus edifícios e seus museus.



A partir do exposto, no caso de Curitiba, creio que seja possível uma série de articulações que permitem novas relações com o espaço urbano, em especial pelo centro histórico, cuja parte mais visitada são os bares, muitas vezes imersos nas lojas populares de seu entorno. Tais articulações podem ser experimentadas pela via do turismo, mas também permitem reflexão histórica, a partir do patrimônio, pois muitos dos edifícios que vamos mencionar são tombados, mas entendidos de forma desarticulada e, portanto, há um potencial para a criação de novas narrativas sobre o espaço urbano. Nesse sentido, os escritores e poetas já citados, com uma profícua obra que fala da cidade em diferentes momentos históricos e seus principais símbolos, podem se tornar um fio condutor importante para trazer à tona questões como memória e esquecimento, passados visíveis e invisíveis.

O Simbolismo, por exemplo, tão pouco conhecido ou esquecido pela maioria das pessoas, permite uma entrada em temas como natureza, espaço urbano, recepção greco-romana, a importância dos clubes como espaço de sociabilidade, o Passeio Público e suas festas como a da Primavera, as lutas abolicionistas, anticlericais, a fundação do Museu Paranaense, o Colégio Estadual, entre tantas outras questões que no ir e vir se materializaram na cidade por meio de bustos, esculturas e edifícios. As críticas de Dalton Trevisan nos anos 1940 levam aos modernistas, aos murais de Poty Lazzarotto espalhados pela cidade, aos bares, à praça Osório, aos hotéis baratos do entorno que abrigaram personagens e seus conflitos. Já a contracultura de Leminski nos leva à marginalidade e na recuperação do fluxo de vida simbolista, à *Boca Maldita*, à resistência ao autoritarismo da ditadura pela rua XV de novembro e aos embates na Praça Santos Andrade, em frente do *Prédio Histórico da Federal*, aos inúmeros grafites do Largo da Ordem em sua homenagem, à Biblioteca Pública. Há, portanto, toda uma materialidade urbana, desde o final do século XIX, relacionada a tantos poetas em que se mesclam ruas, praças, esculturas, edifícios públicos, bares, clubes, teatro, museus. Temas como encontros poéticos, discussão sobre cidadania, presença indígena, presença negra, do Estado Laico, estão difusos na cidade seja pelos espaços urbanos, pelos bustos, pelas esculturas, pelos murais, pelos bares, a espera de alguma narrativa. Nesse sentido, caminhadas do Largo da Ordem (centro histórico), passando pela *Boca Maldita*, a rua XV de novembro e terminando no Passeio Público, traz à tona uma grande quantidade de edifícios históricos ou lugares de memória que ajudam a construir uma rica cartografia literária: a atual sede do Museu Paranaense, a casa Romário Martins (único edifício remanescente do

período colonial), a Casa da Memória, paredes da região com poemas e grafites sobre Leminski, os murais de Poty Lazzarotto, os bares da *Boca Maldita*, os edifícios da XV de Novembro, em especial suas lojas, com detalhes em arte *nouveau*, o *Prédio Histórico da Federal*, o teatro Guaira, o Passeio Público.

Em todos esses lugares, de alguma forma, se vinculam a momentos da literatura, sejam cantados pelos poetas, visitados por suas personagens, sejam eventos importantes em suas vidas. Conhecer a literatura produzida e colocá-la em diálogo com a cidade gera novos engajamentos e sensibilidades. Também chama a atenção para conexões inesperadas, pois como fui alertada pelos estudantes do tópico que ministrei no curso de Turismo, o Passeio Público, antigo palco das Festas da Primavera e suas declamações poéticas de inspiração greco-romanas no início do século XX, hoje é palco de batalhas de *rap*. Passado e presente se mesclam em diferentes instâncias, reinvenções são possíveis, pois nesse percurso de cerca de trinta minutos a pé é possível discutir a presença de diferentes etnias, classes sociais, posições políticas, da arte, da arquitetura neoclássica, mesclada com grafites e *rap*. Essa vitalidade, que retoma arte erudita e popular, se espalham pelas paredes, se misturam no centro da cidade com os passantes do calçadão. Todos os lugares mencionados podem ser experimentados em múltiplas temporalidades, explicitar essas redes de conexão permite perceber não só os processos de gentificação sofridos na região, como as mudanças e permanências, gerando diferentes sensações e, talvez, novas identidades e, conseqüentemente, políticas públicas de preservação.

É possível, portanto, ao conectar literatura e percursos no centro histórico, para pensar cartografias de experiências vividas, formas alternativas de perceber o espaço urbano, experiências cada vez mais raras em nosso cotidiano. Nessa perspectiva, gregos e romanos não são estrangeiros ou exótico à cultura local, são parte constituinte dela. A forma como apareceu na literatura do final do século XIX, se espalhou pelos espaços urbanos, seja pelos edifícios, seja pelas festas pagãs em pleno Passeio Público, e depois se transformou pelos poemas de Leminski e, permitindo espaços para o *rap*, indica uma série de idas e vindas e de disputas de memória, de resistências. Isso tudo no centro histórico, possível de ser alcançado à pé, mas se houver mais interesse, é só tomar um ônibus na região e se deslocar facilmente até o Templo das Musas. Criado em 1918 para ser sede do Instituto Neo-Pitagórico (INP), o templo neoclássico, frequentado pelos simbolistas, pela sua contemporânea a escritora e feminista

Mariana Coelho ou pelo próprio Leminski nos anos de 1970, com encontros abertos ao público até hoje no primeiro domingo do mês, é talvez um dos lugares mais emblemáticos dessa mistura de temporalidades e visões de mundo. Ali ainda é possível experimentar a tranquilidade do quarteirão cercado de árvores e plantas preservadas da antiga chácara de Dario Vellozo, embora hoje se situe no centro do bairro da Vila Izabel. A natureza preservada, o edifício com característica greco-romanas, mesmo que em situação precária de preservação, ainda mantém um espaço para debater o livre-pensamento, sem dogmatismos, desejo de seu fundador, expresso em tantas cartas<sup>5</sup>. Ao espírito simbolista, *flainar* pelo centro e arredores, com roteiros literários em redes, é possível observar aspectos esquecidos da cidade e, porque não, ao recolocar essas memórias em um novo contexto, inspirar novas narrativas para o presente e passado.

### **Considerações finais**

O que busquei com essa reflexão foi pensar como a Literatura criativa e abundante de Curitiba pode subsidiar outras formas de relação com o centro histórico e o patrimônio arquitetônico e artístico da cidade. A recepção dos clássicos, nesse processo, pode servir de fio condutor para diferentes temporalidades, já que esteve presente desde o início da cidade e em muitas de suas querelas políticas e literárias. Por meio dela, um turista experimenta sensações distintas, mas o caminhar por essas camadas urbanas pode adquirir outros contornos para os que vivem na cidade: um bom começo para ensino de História Antiga renovada e, também, de Educação Patrimonial.

Esse é o ponto de chegada desse trabalho que venho desenvolvendo<sup>6</sup>. Partindo de questões teóricas sobre recepção dos clássicos, de discussões sobre memória e identidade, bem como de teoria literária, o desdobramento central desse projeto, para além de uma maior conhecimento da História e Literatura da cidade, é criar meios alternativos para o ensino de História Antiga e Educação Patrimonial<sup>7</sup>. Como a cidade é rica em referências greco-romanas,

---

<sup>5</sup> Para uma compilação dessas cartas, cf. publicação do INP *Escola Brasil Cívico*, publicada em 2009.

<sup>6</sup> Esse seria o braço de extensão da pesquisa, está momentaneamente suspenso devido à pandemia de coronavírus.

<sup>7</sup> O projeto tem uma faceta pública em desenvolvimento que é o blog História Antiga e Conexões, iniciado em 2019 - <https://antigaconexoes.wordpress.com>. Ainda em desenvolvimento, o blog foi idealizado pelo grupo de estudantes que oriento e que estão em diferentes níveis de pesquisa (graduação e pós). O blog tem um mapa em que as

tanto em sua poesia como em sua arte e arquitetura, caminhadas intermediárias nas áreas mencionadas têm um potencial de Educação ainda pouco explorado<sup>8</sup>. Entender os espaços públicos como lugares carregados de relações poder, retomar aspectos que tencionam essas disputas como os embates sobre literatura e política, encaminhar essas discussões em uma dimensão de política e pública, pode reordenar os entrelaçamentos de patrimônio material e imaterial. O maior conhecimento desse passado artístico/literário, considerando um diálogo entre saberes acadêmicos, escolares e culturais, promove outras formas de opinião pública. Essa opinião, construída criticamente, como já alertou Tamanini (2013, p. 15) cria ações participativas sobre preservação de patrimônio. Reordena, também, referências sociais cotidianas, memórias, pertencimentos e estimula a ler poemas e a conhecer o mundo greco-romano. Entender os antigos no cotidiano curitibano permite, portanto, novos olhares sobre a cidade, sobre o presente e tem um potencial de reinserir os antigos gregos e romanos no cotidiano, não de forma academicista ou pedante, mas vivaz e criativa. Ensinar História Antiga em escolas públicas ou privadas por meio de sua recepção e relação com patrimônio histórico da cidade implica, por fim, em discutir herança e alteridade e, nessa costura e tensionamento, desperta o senso crítico, o olhar para o passado em sua multiplicidade, estimulando novas relações com a cidade e sua diversidade étnica e cultural.

### **Agradecimentos**

Conforme já mencionado, este artigo é um dos primeiros resultados de um projeto em desenvolvimento, assim, agradeço à Rita Juliana Poloni e ao Pedro Paulo Funari pelo convite para participar do presente dossiê e apresentar as primeiras reflexões. Também sou profundamente grata às e aos seguintes colegas pelas suas leituras críticas e incentivo ao desenvolvimento dessa pesquisa: Anamaria Filizzola, Cláudio Willer, Fábio Vergara Cerqueira, Glaydson José da Silva, Guilherme Gontijo Flores, Joseli Mendonça, Luís Fernando Pereira, Maria Gabriela Huidobro, Maria Tarcisa Bega, Renato Carneiro Jr., Renê Ramos, Ricardo del Molino Garcia e Rodrigo Gonçalves. Por fim, agradeço aos e às estudantes que fizeram parte

---

informações sobre elementos neoclássicos da cidade estão sendo recolhidas e inseridas para facilitar o acesso a professores, estudantes e demais interessados.

<sup>8</sup> Há um trabalho coordenado pela professora Joseli Mendonça, do DEHIS/UFPR, bem sucedido, que questiona a invisibilidade negra em Curitiba por meio de roteiro que levam estudantes e pessoas da comunidade a pontos importantes da história de resistência das populações escravizadas no Paraná.

do PET-História em 2012 e da pesquisa sobre a revista *Joaquim*; aos e às estudantes da turma de Turismo da UFPR de 2019 que participaram da disciplina que ministrei no segundo semestre. Todos os debates foram importantes para que pudesse chegar até aqui. A responsabilidade das ideias recai apenas sobre a autora.

## Referências

### Bibliografia Citada

ANTUNES, L.M. A construção da memória cultural por meio da literatura: alguns aspectos, in: **(pro)Posições Culturais**, Lamas, N.C. e Moraes, T.M.R. (orgs), Joinville: Editora da Univille, 2010, pp. 189-211.

BEGA, M. T. S. **Letras e política no Paraná – simbolistas e anticlericais na República Velhas**. Curitiba: Editora da UFPR, 2013.

BELTRAMI, A. N. **Proezas alquímicas: a ciência e o esoterismo de Dario Vellozo na terra das Araucárias (Curitiba 1890-1913)**. Dissertação de Mestrado, Brasília: UNB, 2009.

CARVALHO, J. M. **A formação das Almas – O imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia**, São Paulo: Editora 34, 2000.

FERNANDES, S. e CARVALHO, P. Patrimônio e Turismo Literário: Leiria Queiroziana in: Cravidão, F. et alli (orgs) **Espaços e tempos em geografia - homenagem a António Gama**, Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra, 2017, pp. 579-593.

FLORES, G.G. O raro do reles: um latim de bandido, in: Sandmann, M. (org) **A pau a pedra a fogo e a pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski**, Curitiba: Editora da Secretaria de Estado da Cultura, 2010, pp. 103-139.

GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P. P. A. The uses of Roman heritage in Brazil, **Heritage & Society**, n. 5, vol. 1, p. 53-76, 2012.

GARRAFFONI, R. S. **Os Antigos Gregos no acervo do Museu Paranaense: Recepção dos Clássicos, Poesia Simbolista e Política**. Curitiba: SAMP/Museu Paranaense, 2018.

GARRAFFONI, R.S. Passado, Presente e experiências: reflexões sobre a recepção dos antigos gregos em Curitiba na virada do século XX, **Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, vol. 7, 2019, pp. 27-40.

HARA, T. **Saber Noturno – uma antologia de vidas errantes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

HARDWICK, L. **Reception Studies**, Oxford: OUP, 2003.

JELIN, E. **Los trabajos de la memoria**, Madri: Siglo XXI, 2002.

JONES, S. Wrestling with the social value of Heritage: problems, dilemmas and opportunities. **JCAH**, vol 4:1, 2017, pp. 21-37.

LLANO, F.A. **La superación del mito de la atenas suramericana: los cafés como espacios de la producción cultural (bogotá 1880-1930)**, tese de doutorado, Girona: Universidade de Girona, 2019.

LOWENTHAL, D. **The past is a foreign country**. Cambridge: CUP, 1985.

MOLINO GARCIA, R. Lecturas, interpretaciones y valoraciones de los clásicos greco-latinos en el tránsito del Antiguo Régimen a la Modernidad en Nueva Granada (1791-1815). In Garcia Terrera, M.C. et ali (orgs.) **Lecturas del Pensamiento filosófico, político y estético**. Cadiz: Universidad de Cadiz, 2007, pp. 417-430.

MURICY, A. **Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980 [1952].

O'KEEFFE, T. e YAMIN, R. Urban Historical Archaeology, in: Hicks, D. e Beaudry, M.C (orgs) **The Cambridge Companion of Historical Archaeology**, Cambridge: CUP, 2006, pp. 87-103.

PASCOAL, S.C. Prática turística e retórica do espaço nas viagens na Galiza de Silveira da Mota (1889), **E-Revista de Estudos Interculturais do CEI**, 2015, pp. 1-23.

PASCOAL, S.C. Paisagem, Exotismo e Turismo Literário: a voga da viagem romântica a Espanha, *Polissema - Revista de Letras do ISCAP*, 17, 2017, pp. 1-30.

PEREIRA, L.F.L. **Paranismo: o Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998 .

SANCHES NETO, M. **A Reivindicação da província: a revista Joaquim e o espaço da estreia de Dalton Trevisan**. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SCRAMIM, S. 2010. Paulo Leminski e o Simbolismo, in: Sandmann, M. (org) **A pau a pedra a fogo e a pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski**, Curitiba: Editora da Secretaria de Estado da Cultura, 2010, pp. 216-243.

Tamanini, E. Educação em Museus como anúncio e resistência popular: o desafio da construção de política pública, in: Machardo, G.; Souza, F.C.A.; Steinbach, J. (orgs), **Educação Patrimonial e Arqueologia Pública**, Joinville: Casa Aberta Editora, 2013, pp. 07-17.

WILLER, C. **Um obscuro encanto: gnose, gnosticismo e poesia moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ZUMTHOR, P. **Escritura e Nomadismo**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

### **Fontes**

**Escola Brasil Cívico - Instituto Neo-Pitagórico**, Curitiba: Secretaria da Cultura do Paraná e INP, 2009.

**Joaquim**, Revista editada por Dalton Trevisan de 1946 a 1948, 21 volumes.

**Petrônio. Satyricon**, tradução de Paulo Leminski, São Paulo: ed. Brasiliense, 1987.